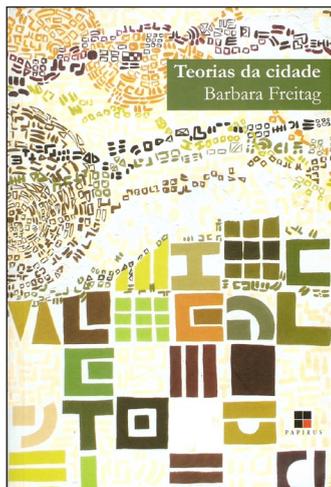


RESENHA

FREITAG, Barbara. *Teorias da cidade*. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2006. 192 p.

Leandro Oliveira de Lima – IESA/UFG

leandro_lima_oliveira@hotmail.com



A socióloga Barbara Freitag expõe nesta obra os resultados de um projeto integrado de pesquisa denominado “*Intinerancias urbanas: Capitais imigrantes, poderes peregrinos e representações nômade*”. O objetivo principal de *Teorias da cidade* é refletir sobre os problemas urbanos que caracterizam a megalopolização das cidades da América Latina.

O livro está dividido em 6 capítulos, antecidos de uma introdução. Assim, a autora logo no início, já estabelece os cinco critérios dorsais constituintes da obra assim:

- 1 - as teorias da cidade não seguem um critério cronológico de análise da emergência dessas teorias.
- 2 - a construção de uma teoria das cidades a partir do exame de todas as teorias formuladas que sejam capaz de explicar o fenômeno urbano.
- 3 - baseado em diversos pensadores da sociologia urbana, a autora pretende fazer uma análise interdisciplinar.
- 4 - o marco principal é o Renascentismo até que a questão urbana se instaure enquanto disciplina na sociologia.
- 5 - as “teorias urbanas” serão analisadas pelas diversas escolas: alemã, francesa, inglesa e norte americana.

No primeiro capítulo **A Escola Alemã** a autora faz uma breve introdução justificando a cidade enquanto um *lôcus* privilegiado da modernidade. Nesse sentido, a autora ressalta a capacidade dos autores analisados em

antecipar os fenômenos urbanos à sua época e o distanciamento crítico de alguns com relação à modernidade.

Analisando a contribuição dada por Georg Simmel, a autora começa a formular as suas teorias da cidade. Assim, a cidade é a sede da economia monetária, local de intensa divisão econômica e social do trabalho bem como a expressão individual dos indivíduos. A partir das obras de Max Weber, ela vê a cidade como *lócus* da relação de dominação. Nas contribuições feitas por Walter Benjamin, a autora entende que “em suma, a Paris do século XIX é o prenúncio da modernidade que a São Paulo do século XXI ostenta na pós modernidade” (p.32).

Ainda na escola alemã, Freitag baseia-se na trilogia metodológica de Ronald Daus que estuda as cidades extra-européias. Essa análise será uma das bases de sustentação da teoria da megalopolização das cidades latino-americanas. Conclui brevemente o capítulo alegando que os quatro pensadores alemães contribuem diretamente para entendermos a cidade moderna como produto do capitalismo.

No segundo capítulo **A Escola Francesa**, a autora divide metodologicamente os pensadores analisados de acordo com as tendências e contribuições dadas por cada um deles. A autora faz menção inicial aos estudos e definições de cidades que foram feitas pelos *enciclopedistas*. Essas primeiras definições de cidades constantes nessas enciclopédias foram assinadas por Diderot relata a autora. No grupo dos *utopista*, Charles Fourier teve papel importante na questão das moradias comunitárias. Para a autora, o familistério de Guise construído por Jean Baptiste Andre Godin, executor do pensamento previsto por Fourier, foi uma bela contribuição de comunidade autogestora. A principal contribuição do pensamento urbano francês está em Haussmann e em Le Corbusier. A autora aponta a reforma urbanística parisiense e a Carta de Atenas enquanto dois marcos importantes na história do planejamento urbano mundial.

A influência de Le Corbusier e Haussmann no Brasil foi de suma importância para o pensamento e a prática urbana. Como exemplo disso a autora nos aponta o “Bota Abaixo”, implantado por Pereira Passos no Rio de Janeiro. Trata também da influência de Le Corbusier na arquitetura de Brasília.

Outro grupo de pensadores analisados nessa escola são os sociólogos marxistas. Alan Touraine, seu discípulo Manuel Castells e Henry Lefebvre são, segundo a autora, autores que permitem uma leitura crítica aguçada da cidade. Esses três autores mais um artigo de Choay (*L’urbanisme, utopies et*

realités) são utilizados por Freitag na construção das teorias *culturalistas* da cidade. Assim, entendemos que há uma rejeição das formas autoritárias e repressivas de organizar o espaço urbano propostas pelos progressistas Le Corbusier e Haussmann na análise feita pela autora.

O terceiro capítulo **A Escola Anglo-saxônica do Reino Unido**, analisa as contribuições de autores ingleses na construção e planejamento das cidades. Caracterizados como *pragmáticos* e *utilitaristas*, a autora discorre sobre a importância da preocupação ecológica e com qualidade de vida nas cidades dadas por esses teóricos. Os principais autores dessa escola foram Thomas Morus e sua preocupação em pensar uma nova sociedade reorganizada especialmente nas urbes, Ebenezer Howard, pioneiro dos *garden-cities* e Patrick Guedds e sua preocupação com a história dos aglomerados urbanos. Peter Hall, outro urbanista inglês, segundo a autora, põem em evidência as manifestações culturais das cidades que ele analisa, assim, nega a exaltação das cidades planejadas. A autora conclui este capítulo propondo a análise da escola inglesa em três linhas de entendimento: as teorias da cidade utópica, cidade jardim e cidade cultural.

No quarto capítulo **A Escola Anglo-saxônica americana**, a autora caracteriza os princípios dessa corrente a partir da Escola de Chicago. Trata das afinidades que esses teóricos têm com as teorias e teóricos ingleses principalmente. A principal contribuição dos pensadores norte-americanos está relacionada ao fator tecnológico, que permite uma diferenciação significativa entre as cidades, relata a autora.

Alguns conceitos importantes para os estudos urbanos como mobilidade social, comunicação social, distância social, circulação e exclusão social são sistematizados por essa escola. Ela critica a base ecológica social de se estudar as cidades proposta por Robert Park, a partir dos estudos de Peter Hall o culturalista. A autora defende que a analogia entre ciclo da vida botânica e ciclo de vida das cidades “pode ser reducionista e levar a interpretações equivocadas da história real e singular de cada uma das cidades” (p. 109).

Ainda nesse capítulo, a autora analisa também as teorias embrionárias da cidade feita por Levis Munford bem como a análise dialética de Richard Sennett – *urbs x civitas*. Freitag ainda aponta uma das principais obras de Sennett (A corrosão do caráter) onde o autor trabalha a migração e as mudanças estruturais que o novo modo de produção capitalista gera para as classes trabalhadoras. A “colonização virtual” proposta por Saskia Sassen também é uma temática discutida pela autora de *Teorias da cidade* (p. 115).

Além disso, aponta com base em Sassen a reorientação geográfica dos fluxos de capital financeiro do eixo norte-sul para o leste-oeste, alterando os efeitos sobre a cidade. Por isso mesmo, a passagem da economia industrial para a economia de serviços, coloca as “cidades-globais” no centro das discussões econômicas mundiais (p.116-117). A autora revela a proposta tipológica de cidades feita por Sassen: Cidades globais, megacidades, metrópoles, cidades marginais ou periféricas e as cidades satélites, ou como conhecemos no Brasil, cidades dormitório.

O quinto capítulo **Teorias da cidade: a recepção no Brasil**, assim como o sexto capítulo, são os principais da obra. A autora aponta a escassez de teorias como as de Marx e Engels que permitam entender melhor o processo de megalopolização (assunto aprofundado no sexto capítulo), mecanização do campo e explosão demográfica principalmente na América Latina.

A autora relaciona a influência das escolas analisadas na produção urbana brasileira. Para ela, o alemão Benjamin influenciou significativamente os trabalhos de Willi Bole da USP, Luiz Sérgio Duarte da Silva em sua análise sobre Brasília e Renato Cordeiro no Rio de Janeiro. No caso da escola francesa, Haussmann influenciou preponderantemente as revitalizações do centro paulista e carioca na primeira metade do século XX. Le Corbusier, exerceu influência considerável sobre Lúcio Costa e Oscar Niemeyer. “Segundo Petter Hall, Brasília pode ser considerada um quase-projeto corbusieriano, pois concretiza boa parte dos princípios consubstanciados na Carta de Atenas” (p. 130).

A influência de Alan Touraine e Manuel Castells nas temáticas urbanas brasileiras são evidentes segundo a autora. A partir das teorias desses dois pensadores, vários trabalhos foram feitos, partindo da inspiração francesa, no Brasil. Porém, uma contribuição ainda maior dessa escola relacionada aos assuntos urbanos é, segundo a autora, a de Henry Lefebvre. Ele teve um papel importante formação e obra de Milton Santos acerca da produção do espaço urbano no Brasil.

A repercussão da escola britânica não foi tão acentuada quanto a da escola francesa. Ela deixou as suas marcas na iluminação paulista durante a década de 1920 e na urbanização de Londrina no Paraná. Por outro lado, Freitag diz que as teorias e práticas urbanas norte-americanas no Brasil são “hegemônicas” (p. 131). Para ela, percebemos isso na arquitetura dos arranha-céus, *shopping centers* e na implantação do transporte rodoviário. Assim, as cidades brasileiras encontram-se organizadas à lógica do automóvel e com todos os problemas causados por esse emprego monolítico de

transporte. Em ordem de importância das escolas teríamos então a norte americana, a francesa e por último a britânica.

Para a autora, as cidades principalmente as quatro analisadas – São Paulo, Rio de Janeiro, Buenos Aires e Cidade do México – encontra-se partidas. A primeira metade da cidade dispõe de planejamento nos moldes norte-americanos. A outra metade mal saiu da escravidão e não tem espaço legal na cidade. Por isso mesmo, a autora propõe o desenvolvimento urbano sustentável onde, cidadania, direito e urbanidade estejam presentes.

Na última parte desse capítulo – *a receptividade das propostas vindas de fora e suas modificações no Brasil* – a autora escolhe quatro brasileiros que na sua ótica são os mais importantes. Analisa as quatro obras principais de Milton Santos: *A urbanização brasileira, O espaço dividido, Por uma outra globalização. Do pensamento único à consciência universal, O Brasil. Território e sociedade no início do século XXI*. Em suas leituras sobre estas obras, a autora aponta os avanços teóricos que Santos fez em relação às escolas influenciadoras da sua formação. Em suas análises acerca de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, a autora chama a atenção para a versatilidade e inovação das obras de Niemeyer e sua envergadura na arquitetura mundial. Analisa por último a influência de Nestor Goulart Reis Filho e a sua colaboração na fundação da “escola do pensamento urbano” em São Paulo (p. 147).

No capítulo seis **A “megalopolização” das cidades latino-americanas na virada do milênio**, a autora focaliza a análise e nos mostra como construiu a sua teoria. O pressuposto da sua análise busca entender o “crescimento populacional descontrolado” a partir da relação cidade-campo (p. 153). A autora entende que a megalopolização é um novo padrão de urbanização acelerada e dotada de características específicas. Esse processo está diretamente relacionado à globalização e tem pouca relação com os processos históricos entre as cidades analisadas. Para Freitag, São Paulo, Rio de Janeiro, Buenos Aires e Cidade do México possuem histórias colonizadoras diferentes mas apresentam índices similares relacionados à taxa de urbanização.

A autora faz uma diferenciação teórica entre cidade global, megalópole e metrópole para justificar a sua teoria de megalopolização. Para tanto, ela retoma as contribuições dadas pelas diversas escolas analisadas, principalmente as de Sassen, Daus e ainda acrescenta as contribuições de Mike Davis com o seu livro *Planeta Favela*.

Apontando as causas e conseqüências específicas da megalopolização de cada uma das cidades, a autora coloca-as na “moldura fornecida pela teoria da dependência” de Enzo Faletto e Fernando Henrique Cardoso (p. 167).

Assim, a autora diz que as quatro megalópoles já foram, por um processo histórico, adaptadas à um modelo econômico agro-mineiro-exportador e que na segunda metade do século XX, atuaram como centros de expansão do referido modelo. Atualmente, guardam semelhanças com as cidades globais de Sassen, ao mesmo tempo que continuam partidas dado ao grau de concentração de riquezas nas mãos da minoria da população cidadina.

A autora conclui a obra dizendo que essas megalópoles dificilmente se tornarão cidades globais, tão poucos retomarão à condição de metrópole. Assim, a autora sugere a “transformação da megalópole em cidade policêntrica”. Para ela, a cidade policêntrica “cria centros urbanos menores e cada vez mais autônomos, capazes de recuperar os valores das cidades e metrópoles (ainda sustentáveis), em que novas formas de exercício de cidadania e solidariedade tenham espaço” (p. 177).

Leandro Oliveira de Lima – Mestrando do programa de pós-graduação do Instituto de Estudos Sócio Ambientais da Universidade Federal de Goiás.

Recebido para publicação em agosto de 2008

Aceito para publicação em outubro de 2008